

RESUMO
[ABSTRACT]

XXV Congresso Brasileiro de Espeleologia

Vinhedo SP, 09 - 11 de julho de 1999

Sociedade Brasileira de Espeleologia

**CONSERVAÇÃO E MANEJO DAS GRUTAS DE
BOTUVERÁ/SC: MAPEAMENTO GEOESPELEOLÓGICO**

Claudio GENTHNER; Luciano RABELO

Geólogos do Grupo de Estudos Espeleológicos do Paraná

GEEP-Açungui - Caixa Postal 1383 – Curitiba PR – CEP: 80001-970 – Fone/Fax: 2255009

Este trabalho apresenta os resultados do convênio MMA/FNMA 051/97, executado em parceria com o Grupo de Estudos Espeleológicos do Paraná – GEEP-Açungui e a Prefeitura Municipal de Botuverá-SC, visando definir e adequar o manejo da gruta de Botuverá (SC-001) e seu entorno. A gruta de Botuverá I situa-se nas coordenadas 27°13'30"S e 49°09'08"W, distante 42 km a oeste de Brusque, às margens do Ribeirão Sete. O projeto pretendeu viabilizar a compatibilização da conservação dos recursos naturais com as atividades de lazer e turismo, com base em estudos multidisciplinares que incluíram um mapeamento topográfico detalhado, a caracterização biológica e o levantamento geoespeleológico, afim de determinar o manejo correto da cavidade. O mapeamento geoespeleológico baseou-se na descrição e delimitação das litologias, levantamento das feições estruturais, interpretação da formação da caverna, da atividade hidrológica, dos depósitos sedimentares, avaliação dos riscos geológicos e produção de informações geoespeleológicas de cunho turístico. A Gruta de Botuverá apresenta um desenvolvimento de 1.205 m e 38 m de desnível, formada em rochas carbonáticas do Pré-Cambriano, pertencentes à Formação Botuverá do Grupo Brusque (BASEI et al. 1994). As litologias encontradas na caverna são na maioria de origem metamórfica de baixo grau, sendo o meta-calcário-bandado com intercalações localizadas de filito, a litologia mais abundante. Esta rocha foi afetada por uma zona de cisalhamento resultando em um mármore maciço bastante fraturado, que ocorre principalmente no teto do eixo central da caverna. Concordante ao bandamento ocorrem intrusões de rochas básicas. Atualmente a caverna não apresenta curso d'água subterrâneo, ficando a atividade hidrológica restrita à formação de espeleotemas, como estalactites e estalagmites, flores de calcira e aragonita, pétalas de gipsita, entre outros.

Foram interpretados cinco estágios de evolução da caverna:

- Primeiro estágio: pela zona de cisalhamento houve percolação de soluções agressivas, dissolvendo a rocha em condições freáticas;
- Segundo estágio: com o rebaixamento do nível do lençol iniciou-se o desenvolvimento da cavidade em condições vadosas, condicionando as galerias segundo a direção preferencial da zona de cisalhamento, do bandamento do meta-calcário e das fraturas de direção NE-SW. Também houve um aumento no aporte de sedimentos fluviais, caracterizado pelos depósitos de cascalho. Que foram posteriormente recobertos por crostas estalagmíticas;
- Terceiro estágio: subida do lençol freático provocando a redissolução de espeleotemas e uma parcial lixiviação dos depósitos de cascalho, definindo patamares caracterizados pelos escorrimentos depositados sobre os cascalhos no estágio anterior;
- Quarto estágio: formação de galerias sob condições freáticas evidenciado pela presença de condutos forçados próximas ao nível do Ribeirão do Sete;
- Quinto estágio: desestabilização da cavidade, iniciando a inclinação ao longo dos planos do bandamento e das fraturas, sendo esse processo responsável pelo aumento do volume dos salões da cavidade.

Através desse estudo foi possível definir as áreas com potencialidades cênicas e aquelas que não apresentam risco ao visitante, contribuindo para o uso adequado da caverna.